

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

SELF, IDENTIDADE E REDES SOCIAIS

Davino Pereira de LIMA¹; davino.lima@gmail.com

Liana Vidigal ROCHA²; lianavidigal@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a percepção da realidade e a identidade através das possibilidades oferecidas pelas mídias sociais. A partir da definição de identidade discutida na psicologia e do conceito de self abordado por diferentes autores, a noção de uma consciência não centralizada no cérebro, mas também distribuída em eventos, processos e artefatos é explorada sob a perspectiva dessas ferramentas de comunicação. As mídias sociais compõem então um ambiente onde a identidade se distribui e é reconstruída pelos indivíduos e pelos seus pares.

PALAVRAS-CHAVE

Redes sociais. Self. Identidade.

INTRODUÇÃO

No contexto dos estudos em comunicação, a perspectiva da identidade nas mídias sociais é um assunto que vem sendo trabalhado indiretamente em temas como as bolhas de conteúdo, que seriam a recorrência de assuntos aos quais o usuário está exposto através de suas definições pessoais de filtragem. Outro exemplo, que diz respeito, particularmente, ao jornalismo, é o poder de escolha que o usuário teria para definir o conteúdo que irá receber e, assim, o olhar que se forma sobre determinados assuntos.

¹ Jornalista e mestrando em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins.

² Profa. Dra. do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins.

Este ponto de vista conversa com outras perspectivas, como as trazidas pelas teorias da agenda-setting e gatekeeper. Em um ambiente onde o público constrói sua identidade e é ativo na escolha do conteúdo que recebe, certa autonomia pode ser percebida – isto em relação às mídias tradicionais. Por outro lado, os atores estão expostos aos problemas que, outrora, apenas os jornalistas, editores e outros agentes da mídia vivenciavam: a dificuldade de filtrar o conteúdo e, assim, construir também a sua identidade através das mídias.

Para pensar em como a identidade se dispersa através das redes sociais é preciso a conceituação do que ela é, e de quais fenômenos é composta. A consciência da própria existência e a construção de uma lógica narrativa que, como resultado, produz a mente autobiográfica provem de um processo complexo. São muitos os fatores que convergem para essa configuração.

Uma característica, porém, pode ser evidenciada: a linguagem. A capacidade de compreender o mundo surge das possibilidades de narrativas que a linguagem proporciona ao organizar toda a realidade de coisas e abstrações, através de signos. A necessidade de realizar ações coletivamente e de forma coordenada foi capaz de construir essa ferramenta de adaptação quase inesgotável. Também graças a necessidade de manter relações sociais, as identidades se adaptam aos contextos. A diversidade de identidades que as pessoas podem produzir nas mais diferentes culturas é praticamente impossível de mensurar.

Quando as redes sociais oferecem maneiras de realizar ações típicas das relações não mediadas, então as identidades se tornam difusas no meio digital e há também a sua fragmentação. As pessoas se veem e se comunicam a partir das plataformas digitais. O conjunto de características que definem a identidade de alguém, até certo ponto, migra do mundo físico para o digital. Mas, além de tudo isso, a própria noção de si mesmo se altera a medida que a construção da narrativa do self³ é alimentada constantemente por eventos que ocorrem nas redes sociais ou através delas.

³ A mente autobiográfica conversa consigo em um processo pelo qual a linguagem estabelece uma existência interna, que é a própria consciência.

A ideia de que as redes sociais representam as pessoas através dos perfis é bem difundida. Contudo, ao proporcionar memórias de formas, até então, não convencionais, elas reelaboram a forma como o self cria a narrativa que constrói sentido no mundo e nas relações sociais.

SELF E IDENTIDADES PESSOAL E SOCIAL

“O nome de um homem é para ele o som mais doce e mais importante que existe em qualquer idioma”, disse Dale Carnegie (1936), em seu best-seller, *Como fazer amigos e influenciar as pessoas*. O livro, que traz exemplos cotidianos de como se relacionar e conquistar a confiança das pessoas ao redor, apesar de não ter base científica comprovada, é um sucesso mundial e há décadas permanece tendo inquestionável expressividade. Além disso, é um dos livros de cabeceira de coachings, seja qual for o segmento. Carnegie, de toda forma, foi um bom observador – e a isso se deve todo esse sucesso – ao perceber a importância que o nome tem para o indivíduo.

Questões como “quem você é?” ou “quem eu sou”, de quaisquer maneiras que possam ser respondidas, terão sempre uma passagem pelo nome, pela forma sonora e, conseqüentemente gráfica, com que a nossa existência é representada para os demais. Somos seres físicos e ao mesmo tempo um conjunto de conceitos. Mas esses conceitos, por vezes podem parecer difusos. Onde e de que forma se originariam as nossas acepções sobre nós mesmos e os outros? Apesar de ser um questionamento secular e que ainda não possui uma resposta definitiva, há ideias importantes e que dão uma descrição do fenômeno.

[...] as interações humanas criam conexões neurais a partir das quais a mente emergiria [...]. As pesquisas enfocam a atuação do ambiente na configuração dos circuitos sinápticos para explicar como a experiência de um si mesmo emerge. Nessa visão, a construção do *self* seguiria uma rota ancestral de evolução, mas seria dependente do contexto social e histórico em que esse processo ocorre. (MACEDO e SILVEIRA, 2012, p. 283).

O termo self refere-se ao conceito de unidade de um indivíduo: “self inclui um corpo físico, processos de pensamento e uma experiência consciente de que alguém é único e se diferencia dos outros” (MACEDO e SILVEIRA, 2012, p. 281). O self pode ser designado, no caso dos humanos, como autobiográfico

(DAMASIO, 2011), o que resumidamente é a capacidade de organizar os eventos, interações, sentimentos, estímulos e respostas, através de uma composição simbólica (do que, entre tantas outras coisas, os nossos nomes são feitos). A capacidade de narrar a nós mesmos os eventos e de reconstruir nossas experiências é fundamental para a consciência e para a concepção de identidade.

[...] os nossos cérebros estão na verdade unidos em um único sistema cognitivo que torna todos os outros menores. Eles estão unidos por uma inovação que tomou conta dos nossos cérebros, e somente eles: a linguagem. (DENNETT, 1998, p. 398).

A linguagem é um sistema essencial para a composição da consciência como a conhecemos. Mas a própria noção de ser e de existência depende também de mecanismos neurológicos. A consciência de que existimos no mundo e de que nossos corpos e nossas experiências pertencem a nós, e não a qualquer outro ser ou objeto no mundo, ocorre de forma sincronizada.

O cérebro mapeia todo o corpo e disso se origina a estrutura básica para a construção da identidade (DAMÁSIO, 2011). A nossa auto identificação é, portanto, um processo que depende do fator biológico e ao mesmo tempo de interação simbólica. Como resultado, a percepção que temos de nós mesmos – ou o narrador que habita em nós e que ao mesmo tempo o somos – é chamada de self.

Essa definição de self vem sendo trabalhada há séculos. Ideias formuladas há mais de um século continuam a essência que segue influenciando teorias que trabalham hoje a questão da consciência e da identidade. William James (1842-1910) descreveu o self com características além do ser, o levando ao ambiente compartilhado.

O autor define self como algo não apenas individual, mas também social. Assim, o self envolve tudo aquilo que o homem pode chamar de “seu”, incluindo não apenas seu corpo e seus domínios psíquicos, mas também suas roupas, sua casa, sua família, seus amigos, seus ancestrais, etc. (JAMES, 1890, *apud* MACEDO e SILVEIRA, 2012, p. 284).

A autoconsciência e a existência no ambiente social – onde múltiplos agentes coexistem e se influenciam – convergem para uma construção simbólica do ser perante a si e aos outros. A identidade é também um conceito ainda em

discussão, que por muito tempo vem sendo estudado. Contudo, sua definição recorrente é associada ao ambiente e as interações. Saber quem se é, está diretamente ligado a fatores como o lugar onde se nasceu, por exemplo, junto com o sotaque, as coisas das quais gostamos, as que somos bons em fazer, os interesses e os desinteresses.

A identidade é importante para o indivíduo e para os seus pares. É fundamental para ações coletivas e coordenadas que as diferenças e as semelhanças sejam elucidadas. A ideia de pertencimento a um determinado grupo, assim como a percepção individual – mesmo quando se faz parte de um coletivo – são fatores de identificação fundamentais para a existência das sociedades.

Da mesma forma que cada pessoa necessita de identificar o que é seu corpo, o diferenciando do que são os objetos e os outros seres (DAMÁSIO, 2011), os indivíduos precisam também de se entender dentro da sociedade, se diferenciando simbolicamente no ambiente social dos outros elementos e dos outros seres.

Ao viver essas experiências, o indivíduo busca a noção de si, da presença subjetiva, na tentativa de definir as fronteiras de si, de preservá-las e de reencontrá-las. Nesse sentido, a identidade é resultante de múltiplas identificações. (MAFFESOLI, 1998; MIRANDA, 1998, 2003 apud MACHADO, 2003).

Isto posto, pode-se resumir a questão da identidade em dois aspectos principais – para os objetivos deste trabalho. A identidade pessoal e social são os processos individuais e coletivos de estruturação do sujeito para si mesmo e para os demais. A identidade pessoal surge a partir do sentimento de continuidade que é o self, alimentado principalmente pela percepção de si, através do corpo e pelas memórias que compõem juntas a narrativa da vivência. Tudo isso orquestrado pela organização de mundo que a linguagem permite. “[...] assim, a identidade pessoal se estende até onde a memória consegue alcançar” (COSTA, 2002, p. 15).

A partir da identidade social são definidos diversos parâmetros e categorizações. Identidade, de gênero por exemplo, é um assunto muito discutido atualmente. O próprio nome social – usado por pessoas transexuais –

remete a essa questão da localização de um indivíduo na sociedade. Identidade étnica, nacional, profissional, racial, são outros exemplos de como as características comuns dos indivíduos nos organizam em grupos (Hall, 2014). O autor ainda pondera sobre as identidades em relação aos contextos históricos das sociedades: “As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades ‘tradicionais’ e as ‘modernas’”. (Hall, 2004, p. 14).

Com o propósito de refletir as identidades representadas através das redes sociais, certamente é preciso fazer a descrição desse ambiente, mas antes mesmo disso, uma compreensão da mente numa perspectiva ambiental, levantada brevemente antes com a observação de Dennett (1998) acerca da linguagem, traz um elemento importante para a compreensão de como a identidade pode ser desvinculada da presença física dos indivíduos. Sendo assim, a próxima seção associa a mente ao ambiente.

A CONSCIÊNCIA DESCENTRALIZADA

A mente consciente, onde se formam as identidades, por vezes é vista como um motor independente, que produz como resultado do seu trabalho toda a subjetividade de uma pessoa. Se a identidade social, tratada acima sob uma perspectiva desenvolvimentista, carece do convívio e do ambiente para se estabelecer, é diante da mesma perspectiva que toda a cognição humana se constrói.

Para Dennett (1998), a consciência não possui um centro de processamento palpável, assim como o centro gravitacional de qualquer objeto é algo que não pode ser definido. Sabe-se que ambos existem, contudo não é possível dizer exatamente onde. A consciência, então, estaria distribuída em diversos aspectos da existência humana, não sendo algo delimitado apenas pelo cérebro.

Sendo assim, a mente consciente se forma com o cérebro, mas vai além dele à medida que busca nas representações e na significação do mundo a sua condição de autobiográfica. Para descrever essa questão e para que seja possível ligar os pontos, falemos da linguagem, rapidamente mencionada através de Dennett (1998).

Nós temos a linguagem, o meio básico da cultura, e a linguagem nos abriu novos espaços no Espaço de Projeto aos quais só nós temos acesso. Em pouco se breves milênios - um mero instante no tempo biológico - já usamos nossos novos veículos de exploração para transformar não só o nosso planeta como o próprio processo de desenvolvimento de projetos que nos criou. (DENNETT,1998, p.352)

Seria então a linguagem o elemento que estrutura e organiza o mundo cognitivamente e que fornece elementos simbólicos para a compreensão da realidade na mente autobiográfica dos seres humanos. A mente se faz coletivamente, a partir dos signos, da sua troca, criação, reorganização e correspondência com os objetos e eventos.

A consciência não habita somente no cérebro e nem se faz apenas com as ligações sinápticas, mas também com as ligações sociais, que, inclusive, constroem as identidades sociais – estruturas necessárias para a constituição de um mundo inteligível no qual a ação coletiva se desenvolve entre os indivíduos.

A comunicação e a argumentação podem então, em um segundo momento, serem internalizadas como diálogo interno e como pensamento. Esse desenvolvimento da linguagem tem consequências para a consciência, pois permite um modelo enriquecido de Eu, e a constituição do Eu como uma narrativa linguística. O sujeito reflexivo é, portanto, uma consequência da sociabilidade e um produto da linguagem. (MARQUES, 2014, p. 299).

Desta forma, tudo que uma pessoa vivencia, através de seus sentidos, é processado pelo cérebro e reorganizado de uma maneira que o indivíduo possa recorrer à estas experiências futuramente. A reorganização, muitas vezes, precisa selecionar o que é importante ou não. Esse processo, muitas vezes é inconsciente. Não é como se pudéssemos guardar em um arquivo físico algo e descartar outra coisa. Por isso, nos esquecemos de coisas importantes e nos lembramos de outras que não nos servem de nada. Damásio (2011) explica isso, atribuindo à memória um aspecto emocional, onde nem sempre existem os mesmos critérios da racionalidade.

Com isso, os objetos, a escrita e todas as formas de se armazenar informação (de qualquer tipo), se tornam peças essenciais para que o ser humano amplie ou dribles as limitações físicas do cérebro. A medida que as informações podem ser preservadas com certa fidelidade, e sem correr os riscos oferecidos pela mente – que precisa sempre reorganizar as informações e torna tudo muito volátil – a consciência se descentraliza.

Essa característica, porém, não se desenvolveu em um salto. Não é como se tivéssemos em um dia uma mente completamente presa ao cérebro e no outro ela passou a saltar em informações dispersas pelo ambiente, que reorganizam e promovem mudanças na estrutura cerebral. O processo foi gradual ao longo da seleção natural. Aos poucos a mente ganhou vantagem ao ser melhor em entender o mundo ao redor e descobrir respostas eficazes para os problemas que enfrentava.

Assim, um cão, por exemplo, do ponto de vista cognitivo, possui mais capacidade de raciocínio do que um inseto. Apesar disso, ambos fazem muito bem o que foram projetados (pelas leis cegas da seleção natural) para fazer. A diferença é que, na maioria dos casos, os insetos possuem (mesmo que sejam milhares de opções) respostas genéricas para certas situações. O cão, no entanto (e nisso ele está mais próximo dos humanos), possui maior plasticidade fenotípica⁴, sendo capaz de considerar fatores externos antes de agir (FAGUNDES, 2009)

Shapiro (2011, p. 68) argumenta sobre a atividade mental incluir o cérebro, o corpo e o mundo, ou interações entre essas coisas. O corpo (nós), o mundo (ambiente) e as interações (que no nosso contexto, são cada vez mais mediadas), são o palco da construção dessa mente.

No mundo mediado, novas ligações ocorrem em poucos segundos e isso certamente afeta a forma como os signos são constituídos. As identidades, tornam-se complexas e o sujeito, por vezes, está fragmentado entre as diferentes influências (HALL, 2004, p. 14).

No caso de tomarmos um sistema de cognição distribuída, certos elementos humanos e não humanos contribuem para a formação do sistema e seu funcionamento, mas as propriedades cognitivas e, portanto, mentais do sistema cognitivo como um todo não podem ser atribuídas a suas partes. (DUTRA, 2016, p. 59)

As mídias sociais são um exemplo dos elementos não humanos citados pelo autor. O que socialmente desponta das interações mediadas por esse tipo de tecnologia, não diz respeito ao que cada uma de suas partes possui como propriedade ou potencialidade, mas de resultados que emergem a partir do

⁴ Uma mente com plasticidade fenotípica possui a capacidade de testar possibilidades aos problemas colocados pelo ambiente.

estabelecimento desse sistema. Então, certas propriedades da sociedade que utiliza as redes sociais somente existem a partir formação desse contexto específico. Não seria, portanto, possível encontrar alguns dos aspectos desse panorama em qualquer uma de suas partes, uma vez que essa característica ou resultado depende de todo o conjunto.

O contexto das mídias sociais, nas quais cada usuário se expressa ativamente, faz inúmeras ligações, constrói narrativas e se fragmenta entre diferentes locais, através do ambiente digital, revela essa condição coletiva e ao mesmo tempo fragmentada das identidades. Esse ambiente, o ambiente das interações instantâneas, é o produto de uma série de condições, como o desenvolvimento tecnológico e conseqüentemente as alterações que as mídias sofreram em decorrência desses avanços. A próxima sessão apresenta rapidamente este contexto.

IDENTIDADE, CULTURA E INTERNET

O mundo complexo, interligado, globalizado de que fala Hall (2004), se torna, a medida que internet se encorpa, ganha notoriedade e força, no mundo móvel, instantâneo e interativo, que por vezes traz soluções para antigos problemas e em outras ocasiões se apresenta ainda mais complexo, ainda mantendo as características essenciais da dinâmica simbólica e coletiva da cultura.

[...] a cibercultura potencializa aquilo que é próprio de toda dinâmica cultural, a saber o compartilhamento, a distribuição, a cooperação, a apropriação dos bens simbólicos. Não existe propriedade privada no campo da cultura já que esta se constitui por inter cruzamentos e mútuas influências. (LEMOS, 2013, p. 2)

As redes sociais, a princípio, por seu modelo ramificado e multidirecional, no qual a mensagem não parte de apenas um ponto em direção aos demais, mas em uma dinâmica de usuário para usuário, são potencializadores da informação e reorganizam as identidades.

Além disso, recriam o espaço de comunicação e reordenam as falas, tornando as identidades fragmentadas. Lemos chama atenção sobre as potencialidades que o ambiente digital oferece. “A cibercultura, no que se refere

à dinâmica acadêmica, é ator de enriquecimento social e de diversidade cultural. E não há aqui qualquer perspectiva ingênua ou otimista”. (LEMOS, 2013, p. 2)

O exemplo dado pelo autor sobre o mundo acadêmico traz a reflexão sobre o processo de estruturação do conhecimento no mundo. Há séculos estudos e descobertas são compartilhados por pessoas de diferentes lugares e épocas. A medida que contribuições são agregadas, expandindo o conhecimento, a ciência é capaz de promover avanços. Contudo, os meios para isso, até a popularização da internet, estavam limitados à objetos físicos. Isto tornava a produção de conhecimento confiável limitada à ambientes específicos e ao transporte desse conhecimento em seus meios (livros, artigos etc.).

A instantaneidade de uma publicação na internet já foi incorporada pela sociedade. Ninguém mais quer ter que esperar um mês para receber o livro recém lançado. Isso demonstra que a produção da informação está se tornando mais horizontal. A independência do meio físico possibilita que mais pessoas possam ter acesso à um conteúdo, ao mesmo tempo que permite mais contribuições simultâneas no processo de construção do conhecimento.

A academia, mesmo com sua disciplina e método, se vale dessa conjuntura. Contudo, é no cotidiano das pessoas que a interação proporcionada pela internet se manifesta ainda mais visível. A auto-organização social é expressa em eventos instantâneos e em uma atemporal e descentralizada construção da cultura.

A partir do momento em que as redes sociais nos possibilitam selecionar interesses, interagir com diversas pessoas diferentes e filtrar as informações – as quais permitimos que os nossos pares tenham acesso sobre nós –, elas ressignificam as nossas identidades, as dividindo (fragmentação) e lhes acrescentando definições.

As pessoas adaptaram-se aos novos tempos, utilizando a rede para formar novos padrões de interação e criando novas formas de sociabilidade e novas organizações sociais. Como essas formas de adaptação e auto-organização são baseadas em interação e comunicação, é preciso que exista circularidade nessas informações, para que os processos sociais coletivos possam manter a estrutura social e as interações possam continuar acontecendo. (RECUERO, 2009, p. 87)

Recuero (2009) chama a atenção para a emergência da ordem e para a tendência a uma auto-organização nos sistemas complexos – como é o caso dos sistemas sociais. Essas características estariam presentes também nas redes sociais. Seriam os instrumentos de interação partes da composição da estrutura social. As identidades, nesse contexto estariam sob influência dessa realidade cultural.

As redes permitem compartilhar memórias através de fotos, vídeos e textos. Permitem a interação e a reação de outras pessoas sobre aquilo que é postado. Também possuem a capacidade de retratar determinadas características das pessoas e servem como uma espécie de cartão de visitas. Possibilitam organizar situações (como os grupos) e convocar ações coletivas através de eventos e comunidades de interesse (Recuero, 2009). Em tudo isso as identidades são formadas ou reformuladas, pois são situações que oferecem definições do que um sujeito é para as outras pessoas.

Se as roupas, os gostos, o jeito de falar e as habilidades, no mundo fora das redes, são o que determinam a identidade de alguém em um primeiro olhar para as demais pessoas, nas redes sociais as fotos, as postagens e as curtidas são o que dizem, em um primeiro contato, quem é a pessoa. Se alguém costuma repercutir informação de determinado assunto, logo os demais irão associar esse tipo de conteúdo à esta pessoa. E cada um acaba sendo levado a incentivar e potencializar os assuntos de que tem interesse. Graças a isso certas consequências podem ocorrer. “O conteúdo que vemos nos serviços disponíveis na web [...] são cada vez mais personalizados, de acordo com os nossos hábitos de uso das ferramentas.” (SCHINCARIOL, 2017, p.4)

No Facebook, por exemplo – rede social de maior popularidade atualmente –, a procura pela personalização dos conteúdos de acordo com os gostos pessoais, formula um ambiente de conforto e aceitação. Por outro lado, acaba levando os usuários a se isolarem em bolhas de informação.

(...) O software do Facebook aprende com as ações passadas dos usuários, tentando adivinhar quais histórias provavelmente serão mais clicadas e compartilhadas no futuro. Levado ao extremo, isso produz um filtro bolha, no qual os usuários são expostos apenas a conteúdos que reafirmam seus preconceitos. O risco, então, é que os filtros bolha promovem percepções distorcidas ao esconder a verdade. O apelo desta explicação é óbvio [...] O problema com a metáfora do filtro bolha é que ela supõe que as pessoas estão perfeitamente isoladas de outras perspectivas. [...] Um estudo de dados de usuários

do Facebook descobriu que o encontro com informações diversificadas é bastante comum [...] as identidades políticas preexistentes das pessoas moldam profundamente suas crenças. Assim, mesmo quando confrontados com a mesma informação, seja em um artigo ou um fato confirmado, pessoas com diferentes orientações políticas frequentemente extraem significados dramaticamente diferentes. (GARRETT apud SCHINCARIOL, 2017, p.4)

Nesse ponto de vista poderia estar ocorrendo, por um lado um isolamento, com as identidades que são declaradas através das tendências a certos conteúdos que uma pessoa tem e por outro a reafirmação dessas identidades através do conteúdo aceito em seu perfil. Seria, portanto, uma tendência pela procura constante do que é próximo da identidade pessoal entendida e aceita, declarando assim, através das redes, uma identidade social parcial aos interesses.

Um exemplo seria alguém que gosta de futebol e de cozinhar e que declara, hora um desses aspectos, hora outro. Por vezes essa pessoa se confronta com conteúdo contrário aos seus gostos pessoais, mas isso não chega a abalar as suas tendências, pois a sua identidade foi definida por diversos eventos e informações e, graças aos filtros de conteúdo, seu perfil é constantemente alimentado por postagens positivas aos seus interesses.

A identidade nas redes seria social, uma vez que é composta pela interação, pelas linguagens e pelo conhecimento. Sendo então um produto dos diferentes conteúdos que são expostos através do perfil. Mas também seria uma aspiração da identidade pessoal, uma vez que expressa a forma como o sujeito se percebe. A fragmentação e a personalização do perfil na rede social permitem que o usuário se declare como se vê. O “como se vê”, apesar disso, também tem sua origem no convívio social, uma vez que o self autobiográfico procura a coerência na memória para compor sua narrativa. Se trataria de um processo complexo, onde a mente e, conseqüentemente, a identidade se estendem para além do cérebro.

Entre as principais características das mídias sociais está a possibilidade de uma inversão ao que se vivia com a mídia tradicional. As redes tornam qualquer pessoa um criador, disseminador de conteúdo ou curador. Recuero (2009) chama de atores os perfis nas redes sociais. A essa definição também se encaixam sites, blogs e outras formas de representação. Os atores, segundo a autora, “atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais”.

Com a possibilidade de criar e reproduzir conteúdo na internet, as pessoas estendem a sua existência ao espaço não físico. Os atores são por muitas vezes instituições ou grupos de pessoas. Como exemplo podemos citar um site que recebe contribuições de diversas pessoas e que é administrado por um grupo. Mas, por outro lado, no caso dos perfis em redes sociais, os atores muitas vezes são as próprias pessoas acrescidas das potencialidades de determinada rede social (Recuero, 2009). Estar no ambiente digital é possuir sentidos desatrelados do corpo. McLuhan (1964) já especulava em sua célebre obra que os meios de comunicação seriam extensões do homem. Num contexto de sistemas complexos as identidades, através das redes sociais, mais do que extensões podem ser vistas como fragmentos de identidades que as pessoas mantêm fora de seu cérebro e corpo.

As nossas identidades também estão fragmentadas em diversos tipos de virtualidades além das redes sociais, que nem sempre são digitais. Cadastros, documentos e banco de dados são exemplos desse conjunto de informações que fazem parte de cada pessoa e que ao mesmo tempo independem da presença física.

Contudo, no caso das redes sociais, que agregam várias funções que juntas criam um novo ambiente para a existência das identidades e uma reorganização do self, o estendendo e alterando sua dinâmica de tempo e espaço, há uma reorganização ainda mais profunda do ambiente social. Uma vez que todas essas possibilidades surgiram e continuam se reinventando de uma forma muito rápida, que não estão ainda consolidadas em todos os casos. Além disso, nas redes sociais as identidades se misturam e separam rapidamente de acordo com os propósitos dos atores.

Nas redes sociais mais populares como o Facebook, Twitter e Instagram o perfil é composto pelo nome e por informações como locais de nascimento e de trabalho, descrição e uma foto. No Facebook, é possível inserir várias informações na seção “Sobre” o que poderia ser considerado como mais fragmentos da identidade. Além disso, é possível acrescentar as informações sobre gostos pessoais, como livros, cinema, esportes etc.

Já o Twitter não permite a inserção de muitas informações, mas o fato de se seguir determinados perfis poderia ser interpretado como um fragmento da

identidade dispersa na rede social. Assim como a escolha da foto principal e da capa, quem também podem ser considerados fragmentos de identidade.

No caso do Instagram, as informações sobre a pessoa também são menos que no Facebook, mas a exemplo do Twitter, a rede social deixa fragmentos de identidade através dos gostos expressos pelo usuário ao interagir (seguir, curtir, comentar etc), com o conteúdo.

Essa configuração remonta a unidade que é cada pessoa em sua identidade. Em outras palavras, o perfil acaba revelando quem é essa pessoa. Ou mesmo, como essa pessoa se enxerga, através do que compartilha de sua vida e de seus gostos pessoais em seu perfil. Por mais óbvio que isso pareça ser, a identidade começa a ser ressignificada a partir do momento que o ator escolhe o que ele conta ou omite. É claro que isso também pode ser feito no mundo físico, contudo o controle da informação nas redes é capaz de recriar as identidades sociais.

Criar conteúdo ou simplesmente compartilhá-lo é o primordial sobre as redes sociais, mas as consequências disso tem apontado para uma conjuntura em que a realidade mediada pelas redes é muito mais encorpada. Sumares (2017, online) traz uma reportagem sobre os dados do relatório "Internet Health Report v0.1", elaborado pela empresa Mozilla⁵. Segundo a reportagem 55% dos brasileiros consideram que o Facebook é a internet.

O uso da rede social, especialmente nos smartphones, que através dos aplicativos exclusivos canalizam o acesso a determinada plataforma, vem tornando a experiência na web restrita ao conteúdo disponibilizado pela empresa. Nesse cenário é comum que alguém, quando quer saber algo sobre determinada pessoa, faça uma busca no Facebook. Muitas empresas têm investido em marketing digital através das redes sociais, mirando nas características que conseguem caracterizar um público comum.

As possibilidades são muitas e é difícil definir o que é padrão ou não, pois as mudanças são rápidas e constantes. No entanto a mente humana, em uma perspectiva ambientalista, se faz como sempre: utiliza o ambiente para se

⁵ Comunidade de softwares livres responsável pelo navegador Mozilla Firefox

compor. Seja qual for esse ambiente, a cognição procura formas de se projetar e se adaptar com o que de mais útil possui dentro do cenário vivenciado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O self se utiliza das redes – estando nelas e produzindo identidade através delas – quando a memória se torna digital e as plataformas se tornam receptores de informações, como uma espécie de sentidos adicionais ou extensão dos sentidos naturais. A narrativa responsável por dar sentido aos pensamentos e formar o self passa a perpassar as redes sociais e eventos importantes e com constância acontecem nelas, através delas ou graças a elas. Da mesma forma que é o sentido verbal e contínuo de uma autobiografia que nos permite a sensação de continuidade e de realidade e que também nos fornecesse subsídio para construirmos a identidade pessoal e posteriormente social – abordado na primeira e segunda sessão.

As redes sociais são ferramentas que reorganizam essa narração. Quando recebemos conteúdo estando off-line, temos a oportunidade de ver em outro momento, por exemplo. É possível realizar e experimentar informações em grupo sem a necessidade da presença física, ou mesmo da disponibilidade imediata de todos os participantes, já que cada pessoa se adapta ao conteúdo em questões de tempo e espaço de acordo com suas possibilidades.

Essa descrição não é vocacionada ao otimismo, não exclui a vulnerabilidade que as redes podem alimentar nas pessoas. Nem mesmo esquece dos vícios e possíveis doenças provenientes do uso indiscriminado da tecnologia. Contudo, todas e quaisquer modificações sociais provocadas pelos avanços das mídias sofreram críticas.

Foi assim no início do século passado com a escola de Frankfurt e é provável que continue sendo além das redes sociais. Até mesmo porque uma das funções da academia é a de apontar os problemas e eventuais incoerências. Por isso, assim como qualquer outra coisa que esteja presente no ambiente humano, as redes sociais são um elemento no qual a cognição de alguma forma se utiliza e constrói. Contudo, diferente dos demais elementos até então criados e utilizados, as redes sociais simulam interações reais e por isso ressignificam as identidades e estenderiam o self.

REFERÊNCIAS

BERLATTO, Odir. **A construção da identidade social**. Caxias do Sul: Revista do Curso de Direito da FSG, 2009.

CARNEGIE, Dale. **Como fazer amigos e influenciar pessoas**. 45ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1995.

COSTA, Claudio. **Limites da identidade pessoal**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

DAMÁSIO, António R. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo, Cia. das Letras, 2011.

DENNETT, D.C. **A Perigosa idéia de Darwin**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FAGUNDES, J.O.A. **A consciência vista de fora: a perspectiva de Dennett**. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MACEDO, Lídia; SILVEIRA, Amanda. Self: **Um Conceito em Desenvolvimento**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

MACHADO, Hilka. **A Identidade e o Contexto Organizacional: Perspectivas de Análise**. Rio de Janeiro: RAC, 2003.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SOUZA, M.L. & GOMES, W.B. **Aspectos históricos e contemporâneos na investigação do self**. Belo Horizonte: Memorandum, 9, 78-90. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/souzagomes01.pdf>